

RESENHA

**O SHOW DO EU: A INTIMIDADE COMO ESPETÁCULO
SIBILIA, PAULA. O SHOW DO EU: A INTIMIDADE COMO ESPETÁCULO. RIO
DE JANEIRO: NOVA FRONTEIRA, 2008, 286P.**

Elaine Cristina de Matos Fernandez Perez*

Contemporaneamente, a megalomania e a excentricidade qualificadas, na modernidade como doença mental ou desvio patológico daquilo que se valorizava como “normalidade” exemplar, não desfruta da mesma demonização. Sibília trata nessa obra da exibição da intimidade na internet nos primórdios do século XXI. Nesse chamado cyberspaço circulam mensagens que buscam convencer a você, a mim e a todos nós, de que somos seres com potenciais para transformar a era da informação. Pessoas comuns que podem modificar as artes, a política e o comércio e, até mesmo, a maneira de se perceberem no mundo. Chegou a hora dos amadores. Você é o protagonista!!!!!!

O ordinário e o pequeno emergem, expondo o dia a dia das pessoas comuns em lentes de aumento, carregadas de consentimento e excitação.

A capacidade de criação é continuamente capturada, tanto na internet como fora dela, pelos tentáculos do mercado, transformando as forças vitais em mercadorias. As redes digitais de comunicação tecem seus fios ao redor do planeta. Tudo muda vertiginosamente. E o futuro promete muitas outras metamorfoses.

Nesse novo formato a comunicação mediada pelo computador possui rituais dos mais variados (correio eletrônico, MSN, Yahoo Messenger, Orkut, MySpace, You Tube, Facebook entre outros tantos), os diários íntimos como blogs, weblogs, fotologs e videologs, apresentam-se como outra vertente de modelo “confessional”, cuja origem etimológica remete-nos aos diários de bordo mantidos pelos navegantes de outrora. Não nos esquecendo dos diários manuscritos, trancados a sete chaves e que hoje, expõem a intimidade nas vitrines globais da rede.

Como afrontar esse novo universo?

Seriam esses instrumentos, novas versões das antigas cartas, dos velhos diários íntimos, dos anti-

gos álbuns de retratos familiares, das velhas artes da conversação? Para a autora é evidente que existem profundas afinidades entre ambos os pólos de todos os pares de práticas culturais, acima comparados, mas também são óbvias suas diferenças e especificidades. São muitos os indícios de que estamos vivenciando uma época limítrofe, um corte na história; uma passagem de certo regime de poder para outro projeto político, sociocultural e econômico. Nesse aspecto, Sibília dialoga com Foucault e Deleuze, quando traz o fato de que estamos saindo do regime do disciplinamento, dos corpos dóceis e úteis, para um novo território, que está em pleno processo de reordenação, ou seja, as “sociedades de controle”. Atualmente, o mercado cultural com sua sede de sangue fresco, utiliza de dispositivos capazes de abarcar qualquer indício de criatividade promissora e de transformá-la em mercadoria.

A sociedade disciplinar do século XIX e início do século XX cultivavam rígidas separações entre o âmbito público e a esfera privada. No solo da modernidade, que está se esgotando, germinou a personalidade introduzida do *Homo psychologicus* e do *Homo privatus*. Neste século XXI, as personalidades são convocadas a se mostrarem. É o que se pode chamar de publicização do privado - a privatização dos espaços públicos. Impera o fascínio pela visibilidade, pela sensação do ser celebridade. Na sociedade midiaticizada, a subjetividade interiorizada é lente sempre desfocada.

Apesar dessa euforia, a autora enfatiza que não é qualquer um que tem acesso à internet. Atualmente, e se persistirem as condições atuais (e por que não haveria de persistir?), dois terços da população mundial nunca terão acesso à internet. O que é mais penoso ainda nessa sociedade do espetáculo, em que para ser, há que ser visto. Dessa maneira, tal contingente também é condenado à invisibilidade

* Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba

total. Você, eu e todos nós, não “todos”, somos convidados a darmos o clique, e costumamos fazê-lo, nesse universo que se apresenta com cenários bem adequados para montar um espetáculo cada vez mais estridente: o show do eu.

A atual expansão das narrativas biográficas na internet e nos mais diversos meios e suportes anunciam a intensa fome de realidade, o apetite voraz por consumir vidas alheias e reais. A não ficção chama cada vez mais a atenção do público, antes ocupado quase exclusivamente pelas histórias de ficção. O herói foi abandonado em favor da intimidade da pessoa “comum”.

A experiência tradicional do narrador, aniquilada nos tempos modernos, era um acontecimento coletivo. Na era burguesa, tanto a leitura quanto a escrita convocava um indivíduo solitário. Na atualidade, com os novos tipos de mídias eletrônicas, digitais e interativas, vivencia-se, cada vez mais, a privatização individual, embora estejamos cada vez menos refugiados na própria interioridade. Isso tudo não implica a um retorno à solidão, ao silêncio e a interioridade dos leitores-escritores do século XIX. Na contemporaneidade, multiplicam-se as vozes; manifestam-se ruídos dos mais diversos; incentivam-se as atividades em grupos, tidas como mais criativas e produtivas; estimula-se a capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo.

A abrangência de toda essa mudança sociocultural pode levar ao questionamento do “transtorno de déficit de atenção e hiperatividade – TDA/H”, que seria melhor compreendido como um traço característico das novas subjetividades. Dessa forma, compatíveis com o mundo em que vivemos e, nessa dinâmica, incitado por ele e não mais uma estranha epidemia infantil, de desajuste e degeneração.

Dialogando com Wittgenstein, Proust, Benjamin, Debor, Nietzsche, entre outros, a autora contextualiza, numa perspectiva histórica, as transformações decorrentes da problematização das construções subjetivas contemporâneas. Do que estaria por trás das imagens construídas e narradas na atualidade. Na multiplicação de autoficções. Na possibilidade do advento de subjetividades plásticas e mutantes. Na saturação atual do “eu e você” anunciando a definitiva extinção do velho “eu” sempre unificador e estável ou, talvez, de um paroxismo de identidades efêmeras produzidas em série e visíveis.

O exibicionismo da intimidade que se expande, por meio de tiranias da visibilidade, captura campos que, em tempos modernos, seriam impensáveis. Novos dispositivos, presentes em movimentos de mutação subjetiva, empurram, aos poucos, os eixos do eu em direção a outras zonas: do interior para o exterior; da alma para a pele; do quarto próprio para as telas de vidro.

Os dispositivos de poder que vigoram na cultura contemporânea estimulam a experimentação epidérmica, as experiências múltiplas de sensações, as quais ao menor sinal de insatisfação ou tédio, pelas escolhas feitas, tendem a mudar. Hoje, vivenciamos a expansão de explicações biológicas do comportamento social, das condições físicas e da vida psíquica. Saberes que se transformam em verdades hegemônicas, questionando a primazia da interioridade psicológica na definição do que cada um é. Na cultura das sensações e do espetáculo, o mal-estar tende a se situar no campo da performance física ou mental que falha, muito mais do que numa interioridade enigmática que causa estranheza. Para se resolverem as eventuais “falhas”, são elaboradas receitas que oferecem soluções técnicas, alinhadas com as explicações fisicalistas que exteriorizam a subjetividade.

No prelúdio do século XXI a memória e o esquecimento são assuntos constantemente debatidos, nas artes, nos discursos científicos, das humanidades às ciências biológicas. São preocupantes as anomalias, os apagões do ato de lembrar. O interesse recai na busca incessante da descoberta de técnicas capazes de administrar a memória, visando à otimização de seus recursos. Os meios científicos divulgam que, logo, será criado um produto capaz de apagar as más lembranças, com base em pesquisas que demonstram a fluidez e a flexibilidade da memória humana, a plasticidade das recordações; podendo, dessa maneira, serem moldadas e ou tecnicamente manipuladas. Soluções medicalizantes que, por meio de drogas de ação betabloqueadora podem bloquear ou apagar memórias de lembranças fortes no nível molecular.

Estamos diante de um complexo dilema – aponta-nos a autora- os que defendem a importância de termos o direito de administrarmos nossas próprias lembranças, ou, por meio da droga, extirpamos da memória, ou tornar mais leve, a carga emocional.

Tudo indica que está ocorrendo uma mutação, também nesse terreno, e que deverá implicar grandes consequências na redefinição do que significa ser humano, ser alguém.

Para poder pensar, agir e viver, inclusive poder narrar a própria vida e exercer a mais alta atividade do espírito, em termos nietzschianos, é preciso esquecer. Ou, mais bergsonianamente, suspender. Para Fischer: hierarquizar, escolher, selecionar e, segundo Borges, esquecer diferenças, generalizar, abstrair. Daí, esquecer, como sugerem os autores, é muito mais complexo do que o simples apagamento de lembranças com que sonha a nossa tecnociência. Esquecer significa ruminar e digerir, filtrar, escolher, selecionar, decidir e suspender. Algo que só um sujeito pode fazer, ou seja, agir e criar e não uma máquina e nem um cérebro.

O que falarmos então do narrador, ou da morte deste que, para Walter Benjamin, é um artesão e não um artista como o romancista da era burguesa. Aqui o artesão seria aquele que faz alguma coisa, que aplica sua destreza e técnica para exercer um ofício, já, o artista, se define como aquele que é alguém. Nessa lógica, o autor é o artista e, o artesão é o narrador tradicional. Para Sibília, na contemporaneidade, aqueles que recorrem às diversas ferramentas de autoconstrução e de auto-exposição disponíveis na internet se parecem mais com a figura do autor-artista do que com a figura arcaica do narrador-artesão.

Hoje, também, fala-se do desaparecimento do autor, aquele nos moldes da modernidade. Os autores, na atualidade, são chamados e pressionados a se tornarem estrelas, a se exporem. A obra não é mais o foco e sim, ou melhor, o autor se transforma em sua própria obra. O interesse aumenta ainda mais quando os pertencem, objetos, mimos acompanham o pacote que escancara a intimidade dos autores, muitos deles ressurgindo na vampirização que ressuscita os mortos e levanta fortunas em leilões de peças impregnadas de contextos vividos. Histórias que correm o risco de serem amplamente desnudadas na vaidade da espetacularização e do exibicionismo exacerbado.

A autora indaga o porquê da exumação na atualidade de tantas personalidades históricas e ela mesma responde, ao dizer que tais personalidades foram extraordinárias, criaram obras magníficas. A vida comum de cada uma delas, por mais controversa que possa ter sido, traz uma importância na atualidade,

principalmente por expor a certeza de que viveram e foram reais.

Nos tempos atuais, viver bem, sentir-se bem é o slogan mais divulgado. Dessa maneira, o suicídio e o sofrimento que fizeram parte das vidas de muitas das personalidades renascidas, parecem fazer cada vez menos sentido. Os conflitos e as angústias como já foi citado, são tidos como disfunções que podem ser corrigidas tecnicamente. É crescente a biologização e medicalização das problemáticas que antes eram consideradas de origem social, cultural ou psíquica. A depressão, a ansiedade, a apatia, o pânico e outros fantasmas que rondam e perambulam por aí, assediando as beiradas desse belo quadro idílico da publicidade, segundo a autora não conseguiram tirar o centro, a firmeza e a segurança presentes no mercado do entretenimento, pois, uma vez que se inventam os problemas, é claro que as soluções aparecem, nada que um Prozac ou um Lexotan não possam enfrentar – ou pelo menos - deveriam poder fazê-lo.

As envelhecidas figuras do autor e do artista, impregnadas pela lógica do espetáculo midiático, transmutam em sua versão mais atual e se convertem em celebridades, mercadoria revestida de certo verniz de personalidade artística dispensando qualquer relação necessária com uma obra. Os diversos discursos midiáticos contemporâneos divulgam a todos os ventos que qualquer um pode ser famoso. Proliferam-se celebridades que nascem e morrem em tempos instantâneos. A estetização é constantemente exigida no mundo dos famosos. Imagens são construídas, polidas, para atender adequadamente ao que se espera de cada personalidade, ou seja, o brilho na tela.

A dificuldade em conciliar o eu público e o eu privado que levou muitas estrelas do século XX a sérias angústias e até suicídios, parece que está se extinguindo hoje em dia. A busca de visibilidade, de fazer do próprio eu o espetáculo, pode ser uma tentativa desesperadora de preencher um velho desejo humano: o de afugentar os temerosos fantasmas da solidão.

A atualidade demonstra insistentemente que tudo aquilo que aspira grandeza resulta invariavelmente pequeno. A verdadeira megalomania e a maior das excentricidades encontrarão no seu caminho uma resistência, singela, de aparência humilde, mas com força de olhar no olho as tiranias da exposição,

que engole tudo, vomitando o espetáculo. O indizível e o imostrável, riquezas singelas e latentes, são formas de criação entre outras, que carregam a potência de burlar os imperativos do exponível, do comunicável e do vendável. Talvez seja possível com esses achados gerar curtos-circuitos, faíscas capazes de implodir essa massa densa de autocelebração e, dessa maneira, abrir espaços do pensável e possível e quiçá a criação de novas formas de ser e estar no mundo. É provocação para você, para mim e para todos nós. Quem sabe o fato de sermos eleitos as personalidades da atualidade, possa se transformar numa boa notícia? O movimento é sempre de indagarmos sobre o que pretendemos fazer com isso. A inquietação está posta, os espaços podemos criar, as possibilidades estão abertas e, o novo, clama por novas maneiras de pensar.

Recebido em: 04-12-2014

Aceito em: 05-02-2015